

BORGES, JORGE LUIS. (2000): ESSE OFÍCIO DO VERSO

Anne Caroline de Moraes Santos (UVA e FACHA)

annemorais17@hotmail.com



BORGES, Jorge Luis. *Esse Ofício do Verso*. Trad. de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

[https://www.amazon.com.br/Esse-of% C3% ADcio-verso-Jorge-Borges-ebook/dp/B07N8GGJQQ](https://www.amazon.com.br/Esse-of%C3%ADcio-verso-Jorge-Borges-ebook/dp/B07N8GGJQQ)

Ao ler o título *Esse ofício do verso*, logo imaginamos se tratar de mais um dos inúmeros manuais existentes sobre o gênero lírico, cujo foco é a abordagem conceitual acerca da composição poética. Sim, Borges, nesse livro, reúne uma série de palestras dadas por ele sobre a composição da poesia. Apresenta análises de poesias de diferentes épocas e lugares para poder refletir acerca das maravilhas desse “ofício do verso”. Engana-se, no entanto, quem acha que encontrará um texto formal e acadêmico. Borges conversa com seu leitor e apresenta a sua forma de ver os enigmas que envolvem uma das produções mais belas já feitas pelo homem: o verso.

A perspectiva que temos nessa obra é de um dos maiores escritores de todos os tempos. Esse escritor, poeta, crítico e ensaísta argentino nascido no fim do século XIX nos apresenta uma análise formal sobre aspectos que envolvem o fazer poético associado a inúmeros exemplos de obras literárias, o que torna a leitura fácil e agradável, além de potente e profunda. Sua perspectiva revela um olhar estético, literário, filosófico e linguístico sobre os exemplos por ele apresentados, o que enriquece muito suas análises. Em alguns momentos, por ser um ensaio, ele pede licença por não aprofundar determinadas hipóteses trazidas, seja por ainda não ter transformado a hipótese em objeto de pesquisa seja porque é modesto demais para fazê-lo.

O livro se divide em seis capítulos: “O enigma da poesia”; “A metáfora”; “O narrar uma história”; “Música da palavra e tradução”; “Pensamento e poesia”; e “O credo de um poeta”.

No primeiro capítulo, Borges fala sobre o desconforto que sente com a forma como os livros de estética lidam com a poesia, como se ela fosse uma tarefa e não algo que gera prazer e emoção. Para desenvolver melhor essa ideia, ele cita a metáfora da maçã. Segundo o argentino, a maçã em si não tem gosto de nada muito menos a boca sente o gosto da maçã antes de apreciá-la. Logo, é o encontro entre a maçã e a boca que geram o prazer e o sentido para esse “gosto” da maçã.

Com a poesia não é diferente. É o encontro entre a poesia e o leitor que “ressuscitam” (termo usado pelo próprio Borges) a palavra. A palavra em si não é nada, ela precisa encontrar-se com o ser para que a experiência estética ocorra. Observar a poesia nessa perspectiva demonstra que ela escapa dessas definições formais, que requer, pelo contrário, também um grau de abstração para que possa ser estudada.

Cada leitura é uma nova experiência estética e a poesia é, portanto: “uma experiência nova a cada vez” (BORGES, 2000, p. 15). E complementa: “a arte acontece a cada vez que lemos um poema”. Bakhtin, em *Para uma filosofia sobre o ato responsável*, também destaca esse ato único vivido pelo leitor quando vivencia a experiência estética. Cada leitura é única, pois nem o mundo, nem o ser e nem as palavras se mantêm as mesmas a cada nova leitura. Borges exemplifica isso, usando Dom Quixote como exemplo. Ao usar o nome Quixote (considerado ridículo para a época da publicação) e La Mancha (um sobrenome que remetia a uma cidade sem prestígio na época), Cervantes quis criar essa imagem de um sujeito interiorano e comum. Com o passar dos anos, com as leituras e análises, a obra passa a ganhar tamanha notoriedade que esses nomes, antes ridículos, passam a ter prestígio no castelhano. Isso comprova como sentidos mudam dependendo da recepção, do contexto. Ler a obra de Cervantes hoje, com base nos sentidos da língua de hoje, é uma experiência diferente.

Os versos podem ser mais vívidos depois de quando são escritos. As leituras se enriquecem e revelam novos sentidos, muitos nem pensados pelo próprio autor. Como dizia Bakhtin, em *Estética da criação verbal*, há o enriquecimento de duas culturas nesse encontro entre leitor e obra. Para Borges (2000, p. 26), há dois casos: “o caso no qual o tempo degrada um poema, no qual as palavras perdem a sua beleza; e também o caso no qual o tempo enriquece em vez de degradar um poema”.

Outro ponto importante desse primeiro capítulo está remetido no próprio título: a palavra “enigma”. Segundo Borges, a poesia é um misté-

rio. Esse entendimento se aproxima do que Staiger, em *Conceitos fundamentais da poética*, aponta sobre a poesia: existe nela um grau de mistério que não pode ser desvendado. As interpretações e análises não conseguiriam, portanto, alcançar esse mistério em sua totalidade. E está tudo bem.

No capítulo intitulado “A metáfora”, essa figura de linguagem é vista como forma de criar sentimentos, como, por exemplo, a ternura entre o eu lírico e sua amante: “Eu queria ser a noite, de modo a poder velar teu sono com olhos mil”. Esse verso, encontrado em uma Antologia Grega, revela a relação entre os olhos e as estrelas. A mesma metáfora é analisada por Borges em outros poemas e não é a ternura que se revela, mas o medo, o pesadelo, a angústia. Isso significa que o modelo pode ser o mesmo, mas as variações inúmeras.

Muitas são as metáforas criadas entre os olhos e as estrelas, porém os sentidos que advêm dessa relação são diferentes. São essas variações que construirão o prazer, a paixão, as emoções, sejam elas quais forem.

O autor segue na obra tratando sobre vários assuntos importantes referentes à poesia, como os desafios da tradução, em “Música da palavra e tradução, e sobre a fragmentação da poesia em sua parte cantada e sua parte narrada. O capítulo intitulado “O narrar uma história” é importantíssimo, pois traz reflexão pouco desenvolvida sobre poesia lírica e poesia épica: “A poesia, como disse, foi fragmentada; ou melhor, de um lado temos o poema lírico e a elegia, e do outro temos o narrar uma história – o romance.” (BORGES, 2000, p. 56).

Borges não vê o romance como degeneração da épica nem tampouco acredita que a poesia épica está morta. Para ele, há uma clara diferença entre o herói como modelo na épica e a degeneração do caráter do herói no romance. O castelo de Kafka marca esse herói excluído que não consegue entrar no castelo.

Na Antiguidade, “narrar uma história e o declamar o verso não eram pensados como coisas diversas”. Houve essa fragmentação e hoje, mesmo com duas grandes guerras, poucas foram as poesias épicas escritas. Hollywood, segundo ele, abasteceu o mundo da épica. E a literatura? Para ele: “Creio que o poeta haverá de ser outra vez um fazedor. Quero dizer, contará uma história e também a cantará. E não consideraremos diversas essas duas coisas, tal como não pensamos que são diversas em Homero ou em Virgílio.” (BORGES, 2000, p. 62).

Essa e outras reflexões são trazidas pelo escritor argentino para seu ensaio sobre a poesia. A fragmentação entre a poesia épica e a poesia lírica, ao meu ver, é uma das grandes reflexões trazidas por essa obra, pois coloca em pauta a questão dos gêneros, a sistematização que fora organizada entre o gênero lírico, o gênero épico e o gênero dramático que pode ter sido uma das causas dessa ruptura. Sabemos que o lírico está presente nos poemas épicos de Homero e nos dramas de Sófocles. A reconciliação pode trazer novas perspectivas e quem sabe novos poemas épicos na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. do original de Vadim Liapunov. Trad. do inglês de Carlos Faraco e Cristiano Tezza. Edição americana, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BORGES, Jorge Luis. *Esse Ofício do Verso*. Trad. de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.